

Abertura da Porta da Misericórdia

Catedral, 13 de dezembro de 2015

1. DEUS ABRE A PORTA

Ao entrar na igreja, a porta recorda de imediato as palavras de Jesus no Evangelho de S. João: «*Eu sou a porta das ovelhas*» (Jo 10,7) e logo a seguir, «*Eu sou a porta, se alguém entrar por Mim, será salvo*» (Jo 10,9). Cristo é a passagem do homem para Deus. Tanto na sua estrutura como no seu ornamento, a porta é símbolo de Cristo, a única porta da misericórdia. Por isso, passar a porta da igreja Catedral está cheia de significados e compromissos.

Uma porta é, por um lado, uma realidade que fecha e separa dois lugares; e, por outro lado, que abre e mete em relação e comunicação. Tem além da sua função prática este apelo pascal de passagem, da condição de peregrinos à de contemplativos. A porta é assim uma meta, o termo de uma etapa de um processo de conversão: passar desta vida terrestre à vida eterna, da condição de pecador à salvação.

Entrar na Catedral ou noutra igreja ou santuário pela porta, não significa entrar num edifício sagrado de culto, mas unir-se a uma comunidade crente e orante reunida em assembleia litúrgica, ou seja, em assembleia santa. Para todo o cristão, entrar na porta da igreja, «*significa entrar a fazer parte de toda a história de fé de um povo e pertencer-lhe inteiramente. Quer dizer, escolher de ser membro do corpo histórico, presente e passado, da comunidade crente*» (G. Boselli).

O Papa Francisco, disse-o de uma forma mais viva, no dia 8 de dezembro, quando toda a Igreja foi com-vocada para (re)entrar pela porta santa da Misericórdia e prosseguir na abertura do Espírito: «*ao cruzar a Porta Santa, queremos também recordar outra porta que, há cinquenta anos, os Padres do Concílio Vaticano II escancararam ao mundo. Esta efeméride não pode lembrar apenas a riqueza dos documentos emanados, que permitem verificar até aos nossos dias o grande progresso que se realizou na fé. Mas o Concílio foi também, e primariamente, um encontro; um verdadeiro encontro entre a Igreja e os homens do nosso tempo. (...) Trata-se, pois, de um impulso missionário que, depois destas décadas, retomamos com a mesma força e o mesmo entusiasmo. O Jubileu exorta-nos a esta abertura e obriga-nos a não descurar o espírito que surgiu do Vaticano II, o do Samaritano, como recordou o Beato Paulo VI na conclusão do Concílio.*

Atravessar hoje a Porta Santa compromete-nos a adotar a misericórdia do bom samaritano» (Papa Francisco, Homilia 08.12.15).

Deus Pai abre sempre a porta da Santidade e da Misericórdia do Seu coração e pelo Filho, no Espírito Santo, faz-nos continuamente o arrojado convite: «*Sede misericordiosos como o Pai é misericordioso*» (Lc 6,36).

2. PEREGRINOS SANTOS E MISERICORDIOSOS

A santidade da Palavra tem de iluminar sempre os nossos passos nesta Igreja peregrina em Bragança-Miranda, como S. Paulo nos recorda na carta aos Tessalonicenses, o primeiro escrito do Novo Testamento: «*Esta é a vontade de Deus: a vossa santificação*» (1Ts 4,3).

A Igreja é comunhão dos santos e tem uma necessidade vital da misericórdia, por causa do nosso egocentrismo, orgulho, individualismo e tamanhas resistências à mudança da mentalidade e do coração. Nunca esqueçamos, como dizia o Beato Card. Newman, que: «*viver é mudar, e ser perfeito é ter mudado muitas vezes*».

A vocação à santidade é o testemunho maior da dignidade cristã e conduz à perfeição da caridade ou da misericórdia, para sermos «*misericordiosos como o Pai*». Igualmente a vocação à santidade anda de mãos dadas com a Palavra de Deus e com a missão.

Recordamos que a vida cristã é uma grande peregrinação à casa do Pai. Por isso, somos o povo santo de Deus que caminha nas estradas e nas ruas da vida. Também, em sinal disto mesmo, peregrinamos hoje à Catedral, a casa da oração e a porta do céu. «*Aqui celebramos a claridade, porque Deus nos criou para a alegria*» (Sophia de Mello).

Na alegria e na esperança, ousa também convidar para a solene celebração da abertura das outras 4 portas da Misericórdia na nossa Diocese: dia 03 de janeiro de 2016 – Concatedral em Miranda do Douro; dia 10 de janeiro de 2016 – Basílica do Santo Cristo em Outeiro; dia 17 de janeiro de 2016 – Santuário de Nossa Senhora de Balsamão; dia 24 de janeiro de 2016 – Santuário do Imaculado Coração de Maria, Cerejais.

Para todos os Fiéis Presbíteros, Diáconos, Consagrados e Leigos que não puderem participar em nenhuma destas celebrações litúrgicas tão especiais, não deixem de peregrinar a uma ou a todas estas igrejas durante o Ano da Santidade e da Misericórdia, como sinal do profundo desejo de verdadeira conversão. A peregrinação pode ser pessoal ou em grupo com a Paróquia ou a Unidade Pastoral ou o Arciprestado ou com outras instituições e movimentos, esperando «*que a indulgência jubilar chegue a cada um como*

uma experiência genuína da misericórdia de Deus, a qual vai ao encontro de todos com o rosto do Pai que acolhe e perdoa, esquecendo completamente o pecado cometido» (Papa Francisco).

Conforme o nosso Plano Pastoral Diocesano, propomo-nos ainda peregrinar a Fátima, nos dias 10 a 12 de junho de 2016 e a Roma e a alguns lugares beneditinos e franciscanos, nos dias 2 a 9 de julho de 2016.

3. COM RENOVADA ALEGRIA

A alegria é o enorme convite neste dia memorável e característica própria deste III Domingo do Advento. Todavia, a alegria do Evangelho não é um tema nem um livro a celebrar, mas uma pessoa: Jesus, o Cristo, o Messias e o Nosso Senhor.

O Povo santo de Deus espera com fé o Natal e deseja celebrá-lo «*com renovada alegria*» (Oração colecta). A insistente alegria está logo presente na antífona de entrada deste domingo *Gaudete in Domino*: «*alegrai-vos sempre no Senhor. Exultai de alegria: o Senhor está perto*» (cf. Fl 4, 4-5).

Então, o que fazer? Peregrinos alegres no presente, abrimo-nos ao futuro do Reino e como a multidão, os publicanos e os soldados perguntaram a João Baptista, também nós questionamos: «*que devemos fazer?*» João Baptista, o grande evangelizador que «*anunciava ao povo a Boa Nova*», responde à multidão com a indicação da partilha dos bens de primeira necessidade, como o vestir, o comer e o beber para os que sofrem a pobreza económica. Aos publicanos e aos soldados, o pregador das periferias, não diz para mudar de profissão, mas de a praticar honestamente.

Em relação a Jesus, João, a voz da Palavra, nem se considera digno de ser um seu servo. O batismo de João era só com água e remia os pecados, somente Jesus, o Cristo, pode imergir e iluminar a nossa humanidade no Espírito Santo, na própria vida divina.

Conhecer e praticar as 14 obras de Misericórdia corporais e espirituais – eis uma desafiante resposta humana da caridade cristã às muitas pobreza e crises do nosso tempo: antropológica, económica, cultural, social, moral e espiritual.

Com Nossa Senhora das Graças, mãe de misericórdia e modelo de santidade, por quem Deus deu «*início à Santa Igreja, esposa de Cristo, sem mancha e sem ruga, resplandecente de beleza e santidade*» (Prefácio de 8 de Dezembro), com S. Bento e com todos os Santos e Santas de Deus, tenhamos a coragem e a confiança de ser santos na Misericórdia.

+ José, Bispo de Bragança-Miranda